

“A voz do povo armênio”: imprensa armênia em São Paulo (1940-1970)

Heitor de Andrade Carvalho Loureiro¹

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por finalidade oferecer um panorama dos periódicos armênios editados em São Paulo entre as décadas de 1940 e 1970 – período mais fértil da imprensa armênia na capital paulista, quando havia diferentes publicações disputando o mesmo público-leitor –, apresentando os principais projetos editoriais executados por empreendimentos individuais e coletivos. Os periódicos que circularam nessas décadas foram analisados com foco, sobretudo, nas discussões políticas que foram neles publicadas. Essas discussões revelam que não havia consenso em torno de um projeto para a Armênia e que grupos rivais usavam as páginas de seus órgãos para difundir ideias divergentes. Algumas vezes as diferenças políticas saíam do campo retórico e partiam para contendas físicas, que acabavam registradas em prontuários da Polícia Política do estado de São Paulo, o Deops.²

A história da imprensa armênia em São Paulo, cidade que acolheu a maioria dos armênios que aportaram no país, é também uma história social desses imigrantes na sociedade receptora, além de uma história política dos armênios na diáspora, os quais mantêm, mesmo espalhados pelo mundo, laços de

¹ Agradeço especialmente ao Prof. Dr. Hagop Kechichian, que tornou essa pesquisa possível. Agradeço também a Stepan Hrair Chahinian, à Igreja Apostólica Armênia de São Paulo e ao Sama-Clube Armênio, por abrirem os seus arquivos e bibliotecas, bem como à Profª Drª Sossi Amiralian e à família Mekitarian, pelas informações fornecidas.

² A sigla Deops/SP se refere à “Delegacia Especializada de Ordem Política e Social”, nome pelo qual a repartição foi chamada em diferentes períodos ao longo da década de 1930, ou ainda à “Delegacia Estadual de Ordem Política e Social”, seu primeiro nome. Também é comum encontrar na literatura a sigla “Dops”, referente à Delegacia (ou Departamento) de Ordem Social. Neste trabalho é utilizada a denominação Deops, porque é assim que é nomeada a instituição no Fundo Deops/SP do Arquivo Público do Estado de São Paulo, onde parte do material recolhido para esta pesquisa está depositada.

solidariedade e canais de comunicação que lhes permitem reivindicar de forma organizada reparações territoriais, jurídicas, econômicas e morais pelo genocídio ocorrido a partir de 1915.

Os periódicos analisados guardam algumas semelhanças entre si, além da de serem produzidos por armênios e descendentes de armênios na cidade de São Paulo. A primeira delas é que todos, em maior ou menor grau, reivindicavam ser a autêntica “voz do povo armênio”. Este é o subtítulo do jornal *Ararat*, cujo primeiro número foi lançado em outubro de 1946, mas também é a tradução do nome de outro jornal, o *Hayasdani Tsayn*,³ de 1947.⁴ Outras publicações, mesmo que não trouxessem no título tal mensagem, deixavam transparecer nos seus editoriais que também pretendiam ser a voz dos armênios, ainda que, na realidade, expressassem o ponto de vista de apenas uma parcela da coletividade armênia de São Paulo.

O segundo ponto que as publicações da coletividade armênia de São Paulo têm em comum é o uso pontual do idioma armênio. Por conta da dificuldade de imprimir em grande escala caracteres armênios, era comum que essa língua ocupasse apenas uma pequena parte das publicações. A dificuldade da leitura era outro empecilho, uma vez que parte do público-alvo dominava o idioma falado, mas não conseguia ler no alfabeto ancestral. Embora na virada dos anos 1930-1940 houvesse uma tipografia em São Paulo que podia imprimir caracteres armênios,⁵ as grandes publicações eram produzidas em Buenos Aires e depois enviadas à capital paulista, como no caso do livro *Brazilioh Hay Kaghuthë*,⁶ escrito pelo padre da Igreja Apostólica Armênia de São Paulo, Yesnig Vartanian, e publicado em 1948. Há nessa obra um inventário das publicações que circulavam no país à época do seu lançamento, o que auxilia a reconstituição da trajetória de

³ A língua armênia possui alfabeto próprio, elaborado por um clérigo da Igreja Apostólica Armênia no século V. Não é raro encontrarem-se as palavras armênias transliteradas, isto é, grafadas com o alfabeto latino, que busca reproduzir os sons indicados pelos caracteres armênios. Essas transliterações podem variar de acordo com o tradutor.

⁴ Cf. VARTANIAN, Yeznig. *Brazilioh Hay Kaghuthë*: badmagan degheguthiunner ev jamanagakruthiun 1860-ên mintchev 1947-i vertchë. Buenos Aires: Siphon, 1948. p. 537.

⁵ Tipografia Massis, fundada por Garabed Amiralian.

⁶ “A comunidade armênia do Brasil”, em tradução livre do armênio.

alguns desses periódicos, que não possuem exemplares preservados nos arquivos pesquisados.

O financiamento é outro ponto comum entre as publicações analisadas. Com exceção do *Verelk*, boletim informativo da União Armênia de São Paulo, as demais publicações contavam com listas de assinantes e anunciantes, em sua maioria recrutados na própria coletividade. Analisar os anunciantes das publicações armênias é uma estratégia de pesquisa impreterível por aqueles que desejam investigar o nicho econômico ocupado pelos armênios no período em tela. A partir dos anúncios em publicações de diferentes momentos, é possível perceber, por exemplo, se uma empresa cresceu, abrindo filiais ou expandindo sua área de atuação, ou ainda se houve mudança no ramo de negócios de um determinado empresário ou de uma determinada família.

Há também traços em comum no que diz respeito ao conteúdo das revistas e dos jornais armênios. Em geral, há textos sobre história, sobre acontecimentos da coletividade paulistana e artigos políticos, cujo tom varia de acordo com a orientação do periódico em questão. No entanto, o que mais aproxima todas essas publicações é a ênfase na reivindicação dos direitos que os armênios teriam às terras que eram por eles ocupadas na porção oriental da atual República da Turquia, antes do início do processo de deportação e assassinato em massa levado a cabo pelo governo otomano a partir de 1915. O Império Otomano, que abrigou durante anos milhares de armênios nas suas principais cidades e nas províncias orientais, enfrentava seus últimos dias na virada dos séculos XIX-XX. Na tentativa de reerguer o país da crise econômica e política que enfrentava, o governo otomano entrou ao lado das potências centrais na Primeira Guerra Mundial, em 1914. Após desastrosas campanhas militares, o governo otomano voltou seu ímpeto contra sua própria população cristã: assírios, gregos e, principalmente, armênios. Esses últimos detinham grande parte da agricultura e das terras cultiváveis da porção oriental do Império e também do comércio, nas grandes cidades. A política sistemática de deportação de cerca de um milhão de armênios rumo aos desertos da região teve como objetivo “turquificar” a economia otomana e tentar reerguê-la, a partir da expropriação dos bens e propriedades dos armênios, bem como evitar uma possível independência armênia, o que, somado às sucessivas perdas territoriais antes e durante a Guerra, significaria o fim do Império.

Com o fim da Guerra, em 1918, as nações derrotadas assinaram tratados com as potências vencedoras, a fim de redefinir fronteiras e discutir reparações. O Tratado de Lausanne, assinado em 1923, não reconheceu a existência de um território armênio no leste da Anatólia.⁷ Coube à diáspora armênia, constituída por sobreviventes do genocídio que conseguiram alcançar países do Oriente Médio, da Europa e das Américas, lutar por reparações relativas às perdas ocorridas durante a Guerra e o genocídio, em uma pauta que ficou conhecida como “causa armênia”. Nos anos 1960, a expressão passou a ser associada também à luta pelo reconhecimento dos massacres de armênios entre 1915-1923 como um “genocídio”. A causa armênia, portanto, era a principal pauta nos textos dos periódicos armênios. Contudo, o tom desses artigos variava muito em função da orientação política do órgão em questão.

VERELK: BOLETIM INFORMATIVO DA SOCIEDADE CULTURAL UNIÃO ARMÊNIA DE SÃO PAULO

Essa publicação foi o primeiro projeto de imprensa armênia no Brasil que manteve uma periodicidade e certa longevidade.⁸ O *Verelk* (cujo nome significa “recuperação” em armênio e que era homônimo de um dos diversos jornais armênio-soviéticos editados na França na década de 1920)⁹ foi lançado em 1945, por ocasião do primeiro aniversário da Sociedade Cultural União Armênia de São Paulo (Uasp),¹⁰ fundada em 20 de agosto de 1944. Em formato revista e bilíngue, o *Verelk* era publicado de forma quase artesanal: as páginas em português

⁷ Cf. BECKER, Jean-Jacques. *O tratado de Versalhes*. São Paulo: Unesp, 2011. p. 194-199.

⁸ Outros periódicos armênios foram impressos no Brasil antes do *Verelk*, mas não tiveram vida longa, tampouco há exemplares deles preservados e disponíveis à consulta. O livro do padre Yesnig Vartanian traz os nomes de alguns desses periódicos. Em trabalho recente, Hagop Kechichian cita alguns, como o *Yerant* (1928-1931 ou 1932) ou o *Gaydz* (1935). Cf. KECHICHIAN, Hagop. Construcciones y reconstrucciones de la identidad sociocultural de los inmigrantes armenios en Brasil sobrevivientes del genocidio cultural. In: CONGRESO INTERNACIONAL SOBRE GENOCIDIO ARMENIO: en vísperas del centenario. Buenos Aires: Universidad Nacional Tres de Febrero, 2014. p. 188-189.

⁹ Cf. MOURADIAN, Claire. *L'Arménie: de Staline à Gorbatchev – histoire d'une république soviétique*. Paris: Ramsay, 1990. p. 313.

¹⁰ Infelizmente, não foi possível ter acesso à coleção completa do *Verelk*. O material recolhido inicia-se nos n. 9-10, de abril-maio de 1946, e vai até o n. 17, de agosto de 1947. Não se sabe se esse foi o último número do boletim.

eram datilografadas e reproduzidas mecanicamente, enquanto as em armênio eram escritas à mão e mimeografadas. Não foram encontrados exemplares dessa publicação nos acervos das entidades armênias de São Paulo e nem mesmo no Arquivo Público do Estado de São Paulo, que abriga o Fundo Deops/SP, cujos prontuários da Polícia Política registram a existência do boletim, as atividades da Uasp e a de seus principais diretores. A coleção mais completa desse periódico que se conhece pertence ao historiador Hagop Kechichian, pioneiro no estudo da coletividade armênia de São Paulo. Todos os números aqui citados são provenientes desse acervo.

Figura 1 – Capa do boletim informativo da União Armênia de São Paulo, *Verelk*.



Fonte: Acervo de Hagop Kechichian.

Em fevereiro de 1950, os agentes do então denominado Departamento de Ordem Política e Social procuraram Zaven Sabundjian, primeiro secretário da Uasp, com o objetivo de solicitar que ele abrisse a sede da entidade (localizada na rua Dr. Itapura Miranda, nas imediações do Mercado Municipal), para que os investigadores executassem uma vistoria. Após a vistoria de busca e apreensão no local, Sabundjian foi levado ao Serviço Especial de Vigilância, para pres-

tar esclarecimentos às autoridades sobre as atividades da União.¹¹ O secretário afirmou que as atividades políticas da Uasp haviam cessado quando da retirada da embaixada da URSS do Brasil. Essas atividades haviam consistido em uma campanha de repatriamento de armênios na Armênia Soviética, além da luta em prol da recuperação dos territórios armênios ocupados pela Turquia.

Em 1947 foi protocolado junto ao Deops o pedido de criação de uma “comissão de auxílio à repatriação de armênios”, que tinha por finalidade orientar os membros da coletividade armênia no Brasil que desejavam voltar à Armênia, “apesar de terem aportado nesta terra hospitaleira e segura”, na palavra dos requerentes.¹² Para dirigir os trabalhos dessa comissão foram indicados os nomes de “alguns membros de melhor conceito na coletividade armênia”, quais sejam, Takvor Guiragossian,¹³ Yervant Mekitarian,¹⁴ Estepan Abkarian,¹⁵ Hovnan Tecekalian e, por fim, o primeiro secretário da Uasp, Zaven Sabundjian. Ainda segundo o documento, o governo da Armênia (é omitido o fato de que este era parte integrante da URSS), atendendo aos anseios de muitos armênios dispersos pelo mundo que desejavam voltar à pátria-mãe, havia dado início a uma política de retorno dessas pessoas ao país. Para a Argentina, o Brasil e o Uruguai, coube uma quota de mil armênios que poderiam entrar na República Socialista Soviética (RSS) da Armênia no ano de 1947.¹⁶ O documento não indica se o

¹¹ DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. Prontuário 94.341 – Sociedade Cultural União Armênia de São Paulo. Fundo Delegacia Especializada de Ordem Política e Social do Arquivo Público do Estado de São Paulo (doravante referido como Fundo Deops/Apesp).

¹² DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. Prontuário 86.428 – Comissão de Auxílio à Repatriação de Armênios. Fundo Deops/Apesp.

¹³ Secretário da Uasp na gestão de 1946. Cf. VERELK: boletim informativo da Sociedade Cultural União Armênia de São Paulo, São Paulo, n. 13, ago. 1946, p. 5.

¹⁴ De orientação marxista e membro do Partido Socialdemocrata *Hentchakian*. Mekitarian foi também um dos fundadores do jornal bilíngue *Hayasdani Tsayn*, em 1947. Cf. VARTANIAN, Yeznig. *Brazilioh Hay Kaghuthê*: badmagan degheguthiunner ev jamanagakruthiun 1860-ên mintchev 1947-i vertchê, p. 537-539.

¹⁵ Também secretário da Uasp na gestão de 1946.

¹⁶ DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. Prontuário 86.428 – Comissão de Auxílio à Repatriação de Armênios. Fundo Deops/Apesp.

pedido foi deferido, nem se algum armênio que vivia no Brasil emigrou para a Armênia Soviética nesse contexto.

Aos investigadores, Sabundjian afirmou que era anticomunista, tendo inclusive colaborado com a Polícia Política no intuito de evitar que elementos subversivos se infiltrassem na Uasp. A diretoria da entidade teria advertido dois membros de seus quadros, Jacob Bazarian e Levon Yacubian, que “[mantinham] uma linha tipicamente comunista e que não interessa, nem à União e nem à verdadeira colônia armênia de São Paulo”, nas palavras do primeiro secretário.¹⁷ Contudo, se analisarmos a trajetória da União Armênia de São Paulo durante os anos 1940, não encontraremos a postura neutra em relação à URSS a qual Sabundjian informou ao Deops/SP. Em 1945, no primeiro aniversário de fundação da Uasp, foi lançado o *Verelk*. É inegável a postura entusiasta do boletim acerca da Armênia Soviética e da URSS. Ainda que os textos contidos no *Verelk* não discutam princípios do marxismo-leninismo ou do comunismo, os artigos sobre o que acontecia na República Socialista Soviética da Armênia eram claramente de aprovação da política levada a cabo por lá. Nos números 9-10 de abril-maio de 1946, a capa do *Verelk* anunciou uma “homenagem aos deputados armênios eleitos pelo povo para o Parlamento Soviético”, com as fotografias de tais políticos.¹⁸ A fundação da Uasp e do boletim informativo *Verelk* se deram na mesma época em que os políticos armênios estavam em seu apogeu na política e na burocracia soviéticas, durante os anos 1940-50, e que só decaiu após a saída de Kruschev.¹⁹

No texto de abertura de um dos números do boletim, há uma afirmação da Armênia Soviética como expressão pátria legítima do povo armênio: “após muitos séculos de escravidão, ressurgiu a Armênia, autônoma, progressista e rejuvenescida”.²⁰ O texto vinha acompanhado pelas iniciais “Z. S.”, no fim, indicando assim ao leitor quem o teria escrito. Excetuando os textos de autoria de Jacob Bazarian e Levon Yacubian, que escreviam em português, e os

¹⁷ DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. Prontuário 94.341 – Sociedade Cultural União Armênia de São Paulo. Fundo Deops/Apesp.

¹⁸ VERELK: boletim informativo da Sociedade Cultural União Armênia de São Paulo. São Paulo, n. 9-10, abr.-maio 1946.

¹⁹ Cf. FERRO, Marc. *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*. São Paulo: Ibrasa, 1983. p. 203.

²⁰ VERELK: boletim informativo da Sociedade Cultural União Armênia de São Paulo. São Paulo, n. 9-10, abr.-maio 1946.

de Takvor Guiragossian, que firmava os manuscritos em armênio, os demais textos eram normalmente assinados apenas pelas iniciais dos autores. É possível que “Z. S.” se refira ao primeiro-secretário Zaven Sabundjian, cujo depoimento dado à Polícia Política, quatro anos mais tarde, refutaria veementemente o envolvimento da Uasp ou de seus membros com o comunismo. O depoimento pode ter sido uma estratégia para despistar a polícia das atividades da Uasp ou mesmo renegar a postura de anos anteriores, fruto da cisão na entidade, que originou o jornal *Ararat*, publicação essa que manteria um tom entusiasta a respeito da Armênia Soviética.

Os propósitos do boletim podem ser sintetizados da seguinte forma: primeiro, informar aos leitores o que acontecia na União Armênia de São Paulo e na coletividade; segundo, dar notícias gerais sobre a causa armênia e sobre outras comunidades de diáspora; e terceiro, exaltar a República Socialista Soviética da Armênia, por meio de textos alusivos à sua história, à sua cultura, à sua política etc. Este último aspecto fica claro em números como o de novembro de 1946, cuja capa traz em grandes caracteres vermelhos a frase “Salve 29 de novembro”, em alusão ao 26º aniversário da RSS da Armênia. Nesse número, o editorial enaltece a data:

A República Socialista Soviética da Armênia completa mais um ano de existência. São, portanto, 26 anos de “regimem” [sic], que deram a “Haiasdan” [Armênia, no idioma armênio] um esplendor e um progresso admiráveis. Nós, armênios do exterior, comemoramos esta data com grande orgulho, porque ela tem um significado todo especial para o nosso coração de patriota. Foi neste dia memorável que se implantou na Armênia o “regimem” que lhe assegurou a liberdade econômica e social. Foi nesta data que os armênios, após 600 anos de indescritíveis martírios, encontraram a paz e a tranquilidade. Hoje, quando recebemos notícias alvissareiras do repatriamento de todos os armênios do exterior, sentimos nossos corações emocionados pela esperança de de novo pisar o solo pátrio.²¹

As páginas em armênio não eram exatamente traduções dos textos escritos em português, mas o conteúdo de ambos estava bastante alinhado. Nos primei-

²¹ VERELK: boletim informativo da Sociedade Cultural União Armênia de São Paulo. São Paulo, n. 16, p. 2, nov. 1946.

ros números disponíveis é possível encontrar textos manuscritos em armênio e assinados por Takvor Guiragossian, secretário da Uasp em 1946. Na edição de abril-maio de 1946, Guiragossian, em artigo intitulado “Para a Armênia”, faz uma defesa da emigração para a Armênia Soviética. Outro texto do mesmo número, “Esclarecimentos em relação à vida da Armênia Soviética”, tem teor mais jornalístico do que político, não exhibe assinatura, e a sua caligrafia é distinta daquela de Guiragossian. Entretanto, a linha adotada é a mesma: propagandear os avanços da República Socialista Soviética da Armênia e os benefícios da emigração para o país.²² Em outros números é possível encontrar também no idioma armênio a transcrição de poemas patrióticos e textos sobre a história desse povo.

Apesar de temática recorrente nas páginas do boletim, a política não era o único assunto da publicação. Notícias sociais, anedotas, indicações de literatura e de cinema também podem ser encontradas no *Verelk*. Isso dá a dimensão de que a Uasp não era uma agremiação política, com feições de partido, ao contrário de outras instituições armênias em São Paulo. Atividades esportivas tinham lugar na sede da entidade, sob a tutela do “Erevan”, braço esportivo e juvenil da União. Apresentações teatrais e musicais também eram eventos corriqueiros, que mobilizavam um grande número de adeptos da União e de toda a comunidade. Uma lista, apreendida pelo Deops em 1950, com o nome de 46 candidatos à diretoria da entidade, revela que era expressiva também a participação de mulheres: constavam ali treze candidatas à diretoria.

Não foram encontrados exemplares do boletim *Verelk* anexados aos prontuários de armênios e descendentes de armênios no Deops, tampouco foi aberto um prontuário exclusivamente para a publicação, como aconteceu com o jornal *Ararat – a voz do povo armênio*. Entretanto, segundo o prontuário de Levon Yacubian, a Polícia Política realizou a apreensão de 12 números do *Verelk* na residência do jornalista, por ocasião de sua prisão em junho de 1949, lançando mão inclusive de artigos assinados pelo jornalista para interrogá-lo e acusá-lo de subversão.²³ Também não se sabe ao certo quando a Uasp encerrou as ati-

²² VERELK: boletim informativo da Sociedade Cultural União Armênia de São Paulo. São Paulo, n. 9-10, abr.-maio 1946.

²³ DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. Prontuário 73.631 – Levon Yacubian. Fundo Deops/Apesp.

vidades, embora haja registro de um pedido de fechamento da entidade na Delegacia Especializada de Ordem Social, em 1952.²⁴ O que é perceptível, analisando os boletins internos, é que depois da saída de Jacob Bazarian e Levon Yacubian em 1947, a linha editorial do informativo foi alterada. Após a edição em homenagem ao 26º aniversário da RSS da Armênia, de novembro de 1946,²⁵ o número seguinte só foi publicado em agosto de 1947, como edição comemorativa ao aniversário de três anos da Uasp e de dois anos do *Verelk*. Nessa edição, não é possível encontrar textos entusiastas quanto à Armênia Soviética, como antes, tampouco notícias sobre as políticas da URSS que diziam respeito aos interesses armênios. O editorial enaltece o crescimento da União Armênia de São Paulo e as ações da entidade na coletividade armênia paulistana, enquanto afronta os críticos e opositores, os quais, segundo o autor, “têm seus dias contados”.²⁶

Todavia, o abandono, por parte do *Verelk*, de uma linha editorial mais pausada nas discussões políticas não findou a expressão pró-Armênia Soviética da coletividade armênia em São Paulo. O declínio do boletim marca também a criação do jornal *Ararat – a voz do povo armênio*, que seria o órgão mais entusiasta do regime soviético já publicado pelos armênios em São Paulo.

ARARAT – A VOZ DO POVO ARMÊNIO

O jornal *Ararat – a voz do povo armênio* teve seu primeiro número publicado em outubro de 1946, após uma dissidência no interior do *Verelk* e da União Armênia de São Paulo. Na ocasião, Jacob Bazarian e Levon Yacubian deixaram a Uasp para se dedicar a um projeto independente, politicamente mais arrojado, inclinado à esquerda e ao apoio à Armênia Soviética e ao comunismo. Por esses motivos, o *Ararat* foi vigiado de perto pela Polícia Política, que chegou a deter seus idealizadores. O grande número de informações geradas pelas investigações e prisões forma um *corpus* documental riquíssimo para o pesquisador interessado

²⁴ DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. Prontuário 98.526 – *Ararat*. Fundo Deops/Apesp.

²⁵ VERELK: boletim informativo da Sociedade Cultural União Armênia de São Paulo. São Paulo, n. 16, nov. 1946.

²⁶ VERELK: boletim informativo da Sociedade Cultural União Armênia de São Paulo. São Paulo, n. 17, ago. 1947.

no estudo desse órgão. Anexados aos prontuários do Fundo Deops/SP estão, como evidência de crime político, alguns exemplares do jornal.²⁷

O *Ararat* foi redigido predominantemente em língua portuguesa. A dificuldade de impressão em armênio pode ter sido um dos motivos para a ausência dessa língua, mas é necessário destacar que nem Bazarian, nem Yacubian tinham a fluência em armênio necessária para dirigir um jornal bilíngue. Com exceção de alguns excertos em outros números, apenas no número 20, de maio de 1948, é possível encontrar uma página inteira publicada em armênio, com notícias da repatriação, vindas da RSS da Armênia.²⁸ A partir desse número, uma ou duas páginas do *Ararat* seriam dedicadas exclusivamente a notícias oriundas da URSS, até a prisão de Levon Yacubian.

O *Ararat – a voz do povo armênio* era um jornal mensal (que se tornou bimestral em sua última fase, devido às dificuldades operacionais decorrentes da prisão de Yacubian e do exílio de Bazarian), impresso em papel jornal, normalmente com seis páginas, que contava com assinaturas, anúncios e donativos para se sustentar. Mary Moraes Apocalipse,²⁹ então com 25 anos, esposa de Bazarian na época da fundação do jornal, era a responsável legal pela publicação, por força da exigência da legislação que determinava que diretores de órgãos de imprensa fossem brasileiros natos.

Jacob Bazarian, nascido em Marash em 1919, cursou Filosofia entre 1944 e 1945, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, ao mesmo tempo em que trabalhava em jornais da capital paulista, dentre eles o *Hoje*, órgão do PCB.³⁰ Antes disso, ele havia iniciado os cursos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e da Faculdade de Filosofia São

²⁷ A Igreja Apostólica Armênia de São Paulo possui uma coleção do *Ararat* completa e em melhor estado de conservação do que a do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

²⁸ ARARAT – a voz do povo armênio. São Paulo, ano 2, n. 20, p. 5, maio 1948.

²⁹ DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. Prontuário 97.180 – Mary Apocalipse. Fundo Deops/Apesp.

³⁰ BAZARIAN, Jacob. *Mito e realidade sobre a União Soviética: análise imparcial do regime soviético por um ex-membro do Partido Comunista*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Record, 1973. p. 139.

Bento, tendo abandonado ambos.³¹ Bazarian também foi discente na Escola de Sociologia e Política, de onde foi expulso em 1944, por conta de seu envolvimento com o Partido Comunista Brasileiro, que naquele momento era uma agremiação ilegal.³² Em 1945, enquanto completava a licenciatura em Filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Bazarian solicitou a cidadania brasileira.³³ Três anos depois de solicitada a naturalização, o estudante de filosofia foi alvo de uma investigação do Estado, por ser suspeito de atividades contra a ordem do mesmo país do qual tentava tornar-se cidadão. Segundo depoimento de Levon Yacubian, Bazarian foi vice-presidente nas duas primeiras gestões da Uasp,³⁴ entre 1944 e 1946. Durante esse período, é possível encontrar com frequência nas páginas do *Verelk* as ideias e contribuições suas. Textos sobre a eleição de deputados armênios para o Supremo Soviete, a repatriação de armênios, as reivindicações territoriais históricas, ou ainda sobre a coletividade armênia em São Paulo foram escritos por Bazarian, transformando-o no principal articulista do boletim, ao lado do jovem Yacubian. Jacob Bazarian encontrou nas páginas do *Verelk* um canal para dar vazão às suas ideias e aos seus anseios sobre a Armênia Soviética, e foi no seu exercício da função de colaborador do boletim interno da Uasp que nasceu a ideia de criar um periódico exclusivamente para esse fim.

Levon Yacubian, por sua vez, chegou ao Brasil em 27 de junho de 1928, com somente dois anos de idade, vindo de Marselha. Em seus documentos, ele consta como natural de Aleppo, Síria, e de nacionalidade “indefinida”. Começou a sua carreira de jornalista em São José do Rio Preto, no interior do estado de São Paulo, como revisor da *Folha de Rio Preto*, por volta dos seus 18 anos de idade. Em 1945, já em São Paulo, trabalhou na *Revista dos Tribunais* e na *Folha da Manhã*, onde esteve empregado até junho de 1949, quando foi preso pela Polícia Política. Com apenas um ano de residência em São Paulo, Yacubian se integrou à coletividade

³¹ BAZARIAN, Jacob. *Intuição heurística: uma análise científica da intuição criadora*. 3. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986. p. 29.

³² BAZARIAN, Jacob. *Por que nós, os brasileiros, somos assim? Os traços psicológicos característicos dos brasileiros, suas causas e consequências*. 2. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1991. p. viii.

³³ BAZARIAN, Jacob. *Mito e realidade sobre a União Soviética*, p. 153.

³⁴ DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. Prontuário 73.631 – Levon Yacubian. Fundo Deops/Apesp.

armênia da cidade, associou-se à recém-fundada União Armênia de São Paulo e passou a colaborar com o boletim da entidade.

Escrevendo periodicamente para o *Verelk*, Levon Yacubian tornou-se uma das figuras mais ativas da União, sendo eleito secretário durante a gestão que teve Jacob Bazarian como vice-presidente. Provavelmente foi nos círculos da UASP que Yacubian e o recém-formado filósofo Jacob Bazarian se conheceram e começaram a discutir sobre os rumos da Armênia Soviética e da fração diaspórica no Brasil. A amizade entre os dois e a familiaridade de suas ideias foram consolidadas em 1946, com a criação do *Ararat*. Talvez influenciado por Bazarian, o jornalista também ingressou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde estudou até ser preso, em 1949.³⁵

Figura 2 – Fotografia do prontuário de Levon Yacubian na Deops/SP utilizada pela reportagem de *O Cruzeiro*.



Fonte: O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, ano 21, n. 47, p. 80, 10 set. 1949.

³⁵ ARARAT. São Paulo, ano 4, n. 39-40, p. 1, dez. 1949 a jan. 1950.

À frente das máquinas de escrever da redação do *Ararat* (acumulando esta função com a de secretário do jornal), Yacubian foi um jornalista audaz. Seus textos tinham por característica serem diretos nas críticas e nos diagnósticos dos problemas da Armênia e da diáspora. As análises sobre os fatos históricos abordados indicam alto grau de estudo e conhecimento. Certamente, essas características contribuíram para que Levon Yacubian chamasse a atenção da Polícia Política, que o monitorava desde quando havia prestado um depoimento, no desenrolar da investigação de Jacob Bazarian,³⁶ e para que ela o detivesse em companhia de Agop Boyadjian, em junho de 1949, enquanto retirava “material subversivo” dos correios. Em relatório de setembro do mesmo ano, o delegado do caso afirma que, diante das evidências, não havia necessidade de tecer maiores comentários sobre a subversão de Yacubian, pois os textos assinados pelo jornalista já eram suficientes para comprovar as atividades comunistas do acusado.³⁷

O título do jornal fundado por Yacubian e Bazarian é carregado de significados. Ararat é a montanha bíblica onde a arca de Noé teria encalhado após o Dilúvio, e a partir desse lugar um mundo novo e purificado teria se iniciado.³⁸ Em torno da montanha sagrada teriam surgido os povos que deram origem aos armênios, que se tornariam o primeiro povo a adotar o cristianismo como religião de Estado. Entretanto, essas terras foram incorporadas aos impérios que se seguiram, inclusive ao Otomano. Anos mais tarde, após a ocupação turca das terras que os armênios reivindicavam e da negação do genocídio, o Ararat se tornou o símbolo das demandas territoriais armênias e dos apelos por justiça. A montanha foi desenhada no centro do brasão de armas da República de 1918, manteve-se como símbolo nacional mesmo no período soviético e foi confirmada como tal após a independência, em 1991. O subtítulo “a voz do povo armênio” cumpre um protocolo comum na imprensa militante, que, não raramente, rotula suas publicações como porta-voz de um grupo específico. No caso do *Ararat*, seus idealizadores pretendiam que as pautas postas pela publicação expressassem os

³⁶ O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, ano 21, n. 47, p. 6, 10 set. 1949.

³⁷ DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. Prontuário 73.631 – Levon Yacubian. Fundo Deops/Apesp.

³⁸ “E a arca repousou no sétimo mês, no dia dezessete do mês, sobre os montes de Ararate.” (Gênesis 8:4).

anseios dos armênios, ainda que, em realidade, o jornal fosse apenas a opinião de uma fração minoritária dessa coletividade.

Algo que distingue o *Ararat* de outras publicações étnicas correlatas, que também sustentavam algum tipo de discurso político, é que o jornal idealizado por Bazarian não circulava como um órgão clandestino. O *Ararat* era credenciado junto às repartições competentes, possuía redação à rua Santo André, n. 215 (numa via de grande concentração de residências e negócios de armênios, onde o próprio Bazarian residiu) e explicitava em suas páginas os nomes dos seus idealizadores. A aquisição de um exemplar do periódico era feita mediante assinatura anual de Cr\$50,00, valor divulgado em uma edição do jornal do fim de 1950.³⁹ Em uma relação de assinantes apreendida pelo Serviço Especial de Vigilância, datada de junho de 1952, constam cerca de 350 nomes e endereços, dentre os quais destaca-se o de Caio Prado Jr.,⁴⁰ o qual foi sublinhado pelos agentes da repressão, o que mostra a tentativa de construção de uma rede, tanto por parte dos comunistas, que mantinham canais de diálogo e de correspondência com outros militantes de esquerda, quanto por parte da Polícia Política, que procurava conexões entre os diferentes grupos vigiados. Também chama atenção a presença de nomes de instituições como sindicatos, consulados, faculdades, bibliotecas e redações de outros jornais.

Apesar de não se saber a tiragem exata do *Ararat*, a cifra de 350 assinantes alcançada nos últimos meses (entre o fim de 1949 e o começo de 1950) é expressiva, ainda mais levando-se em consideração que em uma lista anterior, publicada pelo jornal em dezembro de 1946, constavam apenas cerca de 130 nomes, todos de armênios ou descendentes, de diversas partes do Brasil.⁴¹ Ou seja, em um período de dois ou três anos, a publicação de Bazarian se consolidou, e mais que dobrou o número de pessoas que assinavam e recebiam o jornal. Cada um dos assinantes da primeira lista teve um prontuário aberto no Deops, pois, de acordo com os agentes da Polícia Política, “todos pertencem à Armênia

³⁹ ARARAT. São Paulo, ano 4, n. 39-40, p. 3, dez. 1949 a jan. 1950.

⁴⁰ Com quem Jacob Bazarian manteria contato por muitos anos, servindo, inclusive, de ponte entre o historiador brasileiro e o PCUS, enquanto o armênio vivia na URSS, entre 1950 e 1966.

⁴¹ *Ibid.*, p. 3.

Soviética e são comunistas, adeptos e admiradores de Stalin”.⁴² Todavia, muitos prontuários abertos nesse contexto não têm nenhuma outra informação anexada além de uma cópia da lista supracitada, o que indica que a Polícia Política não aprofundou as investigações sobre cada assinante. Ao todo, são 139 prontuários no Fundo Deops/SP de armênios rotulados como “comunistas” pelos agentes de segurança pública. Desses, 113 foram fichados como tais apenas pelo fato de serem assinantes do *Ararat*, nada mais constando nos prontuários.

É certo que, para alguns, os textos publicados no *Ararat* eram a expressão do que entendiam como caminho ideal para a Armênia e para a coletividade armênia em São Paulo. Para outros, todavia, o *Ararat* era apenas mais um órgão da coletividade. As colunas sociais, repletas de anúncios de nascimentos, batizados, noivados e falecimentos, bem como de eventos sociais, eram a seção preferida de muitos leitores (e talvez a única lida por eles). Assim, deve-se pensar não somente em quem lia esse jornal, mas, principalmente, em como ele era lido. Para muitos, a leitura do *Ararat* era pautada pelo interesse em obter novas informações sobre os compatriotas residentes em São Paulo e sobre os rumos da Armênia Soviética. Não se pode, portanto, perder de vista que assinar o *Ararat* não fazia de um armênio que vivia em São Paulo, entre os anos de 1940-1950, necessariamente, um comunista, como imaginava a Polícia Política.

No total, vinte números de *Ararat* foram anexados ao prontuário de Jacob Bazarian, e um número foi anexado diretamente a um prontuário aberto exclusivamente para a publicação.⁴³ Alguns números foram apenas anexados aos prontuários, sem nenhum tipo de exame por parte da Polícia Política. Outros, todavia, foram lidos pelos agentes de segurança pública, que destacavam com lápis vermelho os trechos considerados sediciosos, incluindo votos de feliz Natal e Ano Novo, considerados suspeitos por estarem em idioma armênio.⁴⁴ A estrutura básica do *Ararat* era: manchete e a reportagem principal sobre a Armênia Soviética; um artigo sobre a política internacional, analisada sob a ótica ideo-

⁴² DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. Prontuário 98.526 – *Ararat*. Fundo Deops/Apesp.

⁴³ *Ibid.*

⁴⁴ ARARAT. São Paulo, ano 2, n. 15, p. 1, dez. 1947.

lógica que orientava a publicação; um artigo sobre a coletividade armênia do Brasil e, raramente, sobre a política nacional.

O pouco envolvimento com a política brasileira levou o promotor Barros Bernardes a arquivar o processo contra o jornal, em março de 1949, ainda que prosseguissem as ações contra Yacubian, acusado de receptação de material suspeito.⁴⁵ Em dezembro do mesmo ano, os números geminados 39-40 do jornal, cuja manchete era “Stalin e os armênios”,⁴⁶ reacenderam a polêmica em torno da publicação. Essa edição tinha dois propósitos principais: homenagear o 70º aniversário do então secretário-geral do PCUS (e autoridade máxima da URSS) e dar visibilidade à questão de Levon Yacubian, que àquela altura era mantido preso de forma ilegal pelas autoridades de segurança pública do estado de São Paulo.

Talvez porque estivesse preso e pessimista quanto ao seu futuro, Yacubian ditou uma postura muito mais agressiva aos seus textos. No artigo principal dos números 37-38 de outubro-novembro de 1949, ele relata o andamento do processo que levou à sua manutenção ilegal na prisão, apesar de absolvido, e dispara com ferocidade contra aqueles que seriam os “autores intelectuais” da investigação contra o jornal. Para ele, eram os partidários da Federação Revolucionária Armênia (ou FRA, chamados pelo jornalista de *tachnags*, redução de *tashnag-tsutyun*, “federação”, em armênio) que estavam por trás das denúncias, numa tentativa de silenciar o *Ararat*, entusiasta da Armênia Soviética, Estado que a FRA não reconhecia como uma nação verdadeiramente livre.

⁴⁵ ARARAT. São Paulo, ano 3, n. 30, p. 1, mar. 1949.

⁴⁶ ARARAT. São Paulo, ano 4, n. 39-40, dez. 1949 e jan. 1950. Nessa época o *Ararat* circulava bimestralmente.

Figura 3 – Capa do *Ararat – a voz do povo armênio*.



Fonte: Prontuário 98.526 – *Ararat*. Fundo Deops/Apes.

No número seguinte, Yacubian quis dar uma resposta contundente a seus opositores. O artigo principal celebrava o 70º aniversário de Josef Stalin, ao mesmo tempo em que vangloriava a Armênia Soviética e atacava a participação da FRA em acontecimentos das primeiras décadas do século XX. Nele, Levon Yacubian afirmava que os povos democráticos do mundo estavam em festa pelo aniversário do líder da URSS, com diversas manifestações na imprensa popular mundial sobre o fato, enquanto os jornais vinculados às grandes corporações de mídia atacavam “a figura singular de Stalin”. Assim sendo, o *Ararat*, “órgão popular da colônia democrática e patriótica dos armênios do Brasil”⁴⁷ somava-se a essa imprensa entusiasta e exaltava a data e a importância do secretário-geral da URSS para os armênios e para o mundo. Para o autor, o interesse humanitário

⁴⁷ *Ibid.*, p. 1.

pelos nações oprimidas foi a grande virtude de Stalin. Graças a ele, a Armênia teria de fato se tornado independente em 29 de novembro de 1920, data da anexação do país à URSS, quando as forças proletárias atenderam ao chamado dos camaradas russos e se levantaram, lutando contra as forças contrarrevolucionárias da Federação Revolucionária Armênia, expoentes da burguesia nacional. Yacubian atacava, assim, a tradição da FRA, entidade política mais forte na coletividade de São Paulo e em toda a diáspora armênia, ao declarar a data de 29 de novembro de 1920 como dia da independência armênia, uma vez que essa é a ocasião na qual a Federação lamenta ter perdido para a URSS a autonomia conquistada em 28 de maio de 1918.

Não obstante o grande número de textos políticos e militantes nesse número do *Ararat*, ainda havia espaço para as notícias sociais e da coletividade, que tradicionalmente ocupavam a segunda página da publicação. Os desdobramentos do caso Yacubian também foram publicados, desde a absolvição até a libertação, passando pelas manifestações de estudantes e de deputados contra a manutenção do jovem jornalista na prisão. Ainda nesse número figuravam as já tradicionais notícias sobre progresso da Armênia Soviética, além de textos sobre o que estava em discussão na coletividade armênia da França, enviados da Europa por Jacob Bazarian.

Entretanto, o número 39-40 estava de fato dominado pela política. Em um outro artigo, Yacubian denuncia "Os *tashnags* no caminho da traição".⁴⁸ Nesse texto, ele ataca a comemoração de 28 de maio de 1918, dia que os partidários da FRA comemoraram a independência da República da Armênia, após séculos de existência dentro das fronteiras dos Impérios Otomano e Russo. Para Yacubian, as comemorações dessa data eram, na realidade, manifestações antiarmênias, uma vez que a sovietação havia encerrado a república proclamada em 1918 e controlada pela FRA. Ele compara a independência de 1918 com o apoio da FRA à revolução otomana de 1908. Na ocasião, um grupo de turcos nacionalistas derrubou o sultão do Império Otomano a fim de assumir o poder. A vitória desarticulou parcialmente os movimentos armados da FRA, criados com o intuito de defender a população armênia das investidas de turcos e cur-

⁴⁸ ARARAT. São Paulo, ano 4, n. 39-40, p. 3, dez. 1949 a jan. 1950.

dos.⁴⁹ Anos mais tarde, em 1915, foi esse mesmo grupo de turcos que perpetrou o genocídio contra os armênios.

Levon Yacubian reavivou essa antiga contenda (no campo que era o mais sensível para os armênios) a fim de fortalecer o seu argumento de que a Federação Revolucionária Armênia era inimiga do seu povo. O jornalista considerava contraditória a postura de alguns compatriotas ao comemorarem tanto 28 de maio quanto 29 de novembro como datas importantes para a história dos armênios, uma vez que “estas duas datas se negam e se opõem, como a morte à vida, as trevas à luz”.⁵⁰ A constatação que havia pessoas em São Paulo que compareciam às duas comemorações indica que, para elas, a política era menos importante do que a vida em comunidade, pois o que importava era comparecer nos eventos organizados pela coletividade. Essa parece ser também a posição de muitos que assinavam o *Ararat*. Mais do que se importar com as discussões políticas travadas nas páginas da publicação, interessava ter em mãos mais aquela publicação idealizada por compatriotas seus em São Paulo. Contudo, não era só Yacubian que se incomodava com a política levada a cabo pela FRA ao longo dos anos, fosse na Armênia, fosse na diáspora. Alguns armênios se aproximaram do grupo comunista justamente porque ele se colocava como alternativa política à Federação Revolucionária Armênia. Por outro lado, também havia aqueles que de fato compartilhavam uma cultura política comunista e, por consequência, um projeto político para a Armênia, como nos casos notórios de Jacob Bazarian e Levon Yacubian. Há, portanto, usos distintos do comunismo pelos armênios de São Paulo.

⁴⁹ TERNON, Yves. *Les Arméniens: histoire d'un génocide*. 2. ed. Paris: Seuil, 1996. p. 174.

⁵⁰ ARARAT. São Paulo, ano 4, n. 39-40, p. 3, dez. 1949 a jan. 1950.

Figura 4 – Na imagem, estão Agop Boyadjian (em pé, à esquerda), Levon Yacubian (sentado à sua frente) e Jacob Bazarian (sentado, à direita), junto a outros armênios comunistas, em um encontro em Nova York em 1947.



Fonte: O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, ano 21, n. 47, p. 79, 10 set. 1949.

Apesar de não existir no acervo da Igreja Apostólica Armênia de São Paulo um número posterior ao da virada de 1949 para 1950, consta no prontuário da publicação a informação de que o jornal teria circulado até 1951.⁵¹ As últimas informações sobre as atividades do *Ararat* que constam no prontuário da publicação são de 1952, quando boletins de informação da embaixada da URSS no México endereçados à publicação foram apreendidos pela Polícia Política, o que motivou as autoridades a pedir a reabertura das investigações. Yacubian foi novamente intimado a depor, apenas dois anos depois da sua libertação. Na ocasião, declarou que os boletins soviéticos eram enviados para o *Ararat* porque o remetente ignorava o fechamento do jornal. Após o encerramento das atividades, ele declarou que não tinha se engajado em nenhum tipo de atividade subversiva e que tinha ido trabalhar no jornal *O Tempo* e na *Agência France Press*.⁵²

⁵¹ DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. Prontuário 98.526 – *Ararat*. Fundo Deops/Apesp.

⁵² *Ibid.*

Em janeiro de 1953, um investigador foi enviado até o local onde funcionava a redação do *Ararat*, a fim de averiguar se o jornal havia cessado suas atividades. Segundo o relatório do policial, o número 213 da rua Santo André não servia mais como redação de jornal, mas como residência. Os inquilinos que lá estavam nada souberam responder sobre o *Ararat*. A única informação que o investigador conseguiu obter foi na rua Barão de Duprat, onde um senhor disse ao policial que o jornal teria fechado as portas, pois “o redator do referido jornal se achava em Moscou, estudando ou lecionando em uma Universidade, pois era um moço inteligente e formado pela Faculdade de Filosofia e Ciências de São Paulo”.⁵³ Diante disso, a nova investigação sobre o periódico não teve prosseguimento.

HAYASDANI TSAYN

Hayasdani Tsayn, ou “a voz da armênia”, foi um periódico contemporâneo ao *Ararat – a voz do povo armênio*. Publicado pela primeira vez em janeiro de 1947, contou com Hagop Kayserlian como diretor-responsável, Pedro Nazarian como diretor e Yervant Mekitarian como editor.⁵⁴ Assim como acontecia com Mary Moraes Apocalipse no *Ararat*, os dois primeiros provavelmente cumpriam apenas uma função protocolar, pois era a Mekitarian que cabia a maior parte das tarefas necessárias para a publicação do órgão, inclusive a montagem das chapas que eram enviadas para a tipografia, feitas na sua própria residência, à rua São Caetano, n. 59.⁵⁵ Infelizmente, não há exemplares do *Hayasdani Tsayn* disponíveis para consulta, ainda que informações indiquem que a família possui alguns números. Assim, a maior parte dos dados que permitem recontar a história dessa publicação é oriunda da obra do padre Yesnig Vartanian e do depoimento de Walter Mekitarian, filho de Yervant.

Yervant Mekitarian chegou ao Brasil em 1929. Oriundo de Erzurum, ele foi com a família para Constantinopla no início da Primeira Guerra Mundial e de lá

⁵³ Ibid.

⁵⁴ VARTANIAN, Yeznig. *Brazilioh Hay Kaghuthê*: badmagan degheguthiunner ev jamanagakruthiun 1860-ên mintchev 1947-i vertchê, p. 537.

⁵⁵ MEKITARIAN, Walter [Economista]. Entrevista concedida ao autor na residência do entrevistado, no bairro do Morumbi, São Paulo, em 20 abr. 2012.

fugiu para a Grécia no início do genocídio. Nesse país, Mekitarian passou apenas seis meses, rumando rapidamente para a França, onde viveu por nove anos antes de se mudar para São Paulo. Na capital paulista, trabalhou como mascate entre 1930 e 1931, ano em que se casou com a irmã de Stepan Soukiassian.⁵⁶ A união o aproximou do cunhado tanto profissionalmente (no ofício de alfaiate), quanto politicamente, pois ambos tinham posições semelhantes, o que resultou na fundação da filial brasileira do Partido Social-Democrata *Hentchakian*, em 1932.

Intelectual de destaque na coletividade armênia de São Paulo, Yervant Mekitarian escrevia para diversos órgãos da imprensa armênia ao redor do mundo. Em Buenos Aires enviava textos para a publicação da União Cultural *Sharyun*, mantenedora do *Hentchakian* daquele país, ao qual a filial brasileira do partido estava vinculada.⁵⁷ A partir de 1947, Mekitarian se dedicou ao jornal *Hayasdani Tsayn*, a fim de levar aos seus compatriotas notícias e discussões atualizadas pela leitura social-democrata da situação mundial pós-Segunda Guerra Mundial. Apesar de um primeiro ano próspero, a publicação não conseguiu mais manter-se apenas com as assinaturas, tendo que encerrar as atividades três anos depois de iniciá-las.⁵⁸ Endividado graças ao alto custo e baixo retorno financeiro do jornal, Yervant Mekitarian abandonou a política partidária por volta do ano de 1950, data que também marca a decadência das atividades do *Hentchakian* em São Paulo, cujos poucos militantes restantes foram absorvidos pela União Geral Armênia de Beneficência (Ugab), quando foi fundada, em 1964.

A imagem da capa de um exemplar do *Hayasdani Tsayn* reproduzida no livro de Yesnig Vartanian mostra um jornal inteiramente em idioma armênio, embora Vartanian afirme que o periódico era bilíngue.⁵⁹ É possível inferir, por algumas razões, que a sua linha editorial não divergisse em demasia daquela adotada pelo *Ararat – a voz do povo armênio*: em primeiro lugar, Jacob Bazarian

⁵⁶ Ibid.

⁵⁷ MADOYAN, Marc. *Arméniens en Amérique du Sud: immigration, insertion et structures communautaires a Buenos Aires, São Paulo et Montevideo*. Paris: Université Paris X, Département de Sociologie, Mémoire de Master 2, 2007. p. 109.

⁵⁸ MEKITARIAN, Walter [Economista]. Entrevista concedida ao autor na residência do entrevistado, no bairro do Morumbi, São Paulo, em 20 abr. 2012.

⁵⁹ VARTANIAN, Yeznig. *Brazilioh Hay Kaghuthë: badmagan degheguthiunner ev jamanagakruthiun 1860-ên mintchev 1947-i vertchë*, p. 539.

era admirador de Yervant Mekitarian, 16 anos mais velho do que ele próprio, de acordo com o depoimento do filho deste último. Mekitarian era conhecido na coletividade como *garmirak*, ou “vermelhinho”, em alusão às suas posições políticas de apoio à Armênia e à URSS, ainda que ele não fosse comunista, como Bazarian, mas social-democrata; em segundo lugar, é possível encontrar nas páginas do *Ararat* uma nota sobre a festividade que marcou a inauguração do *Hayasdani Tsayn*. O texto se refere à publicação de Mekitarian como “um dos órgãos patrióticos da colônia” e menciona a execução, nessa festividade, do hino da RSS da Armênia pelo coral da União Armênia de São Paulo.⁶⁰

REVISTA CULTURAL BRASIL-ARMÊNIA

Em 1947, a Sociedade Artística Melodias Armênicas (Sama), instituição de caráter cultural nascida em 1941 como um braço da Federação Revolucionária Armênia no Brasil, deu início à publicação da *Revista Cultural Brasil-Armênia*, inicialmente de periodicidade mensal, mas com alguns números publicados bimestralmente ou até mesmo trimestralmente. Há números da revista depositados na biblioteca da Sama-Clube Armênio e, de forma dispersa, em algumas outras entidades armênicas em São Paulo, porém o único acervo completo conhecido pertence ao historiador Hagop Kechichian.

Publicada em formato brochura e com um trabalho gráfico sofisticado para a época, com 36 páginas em média, totalmente em português (com exceção dos números editados no fim da década de 1950, que continham um pequeno editorial em armênio), com redação à rua Paula Souza, n. 193, a revista se preocupou, nos primeiros números, com deixar claro o duplo pertencimento de seus leitores. Tal discurso fica claro, por exemplo, ao analisar-se a capa do terceiro número da publicação, que traz no *layout* do título uma composição com as imagens do Monte Ararat e do Pão de Açúcar, símbolos da Armênia e do Brasil, respectivamente, ainda que para muitos armênios de São Paulo ambas as formações rochosas fossem igualmente desconhecidas. Abaixo do título, há uma imagem do poeta brasileiro Castro Alves, que é acompanhada, no interior da revista, por poemas de sua autoria, bem como por uma pequena biografia sua. Nesse mesmo

⁶⁰ ARARAT. São Paulo, ano 1, n. 8, p. 2, maio 1947.

número é possível ler também uma pequena biografia de um literato armênio, escrita em português; trata-se de uma forma de contrapor Castro Alves a um autor armênio à altura.⁶¹

Figura 5 – Capa da *Revista Brasil-Armênia* com o poeta brasileiro Castro Alves.



Fonte: acervo de Hagop Kechichian.

Além de servir como elo entre as culturas brasileira e armênia, a revista contava com notícias sociais, eventos, textos extensos sobre a história da Armênia traduzidos para o português e também colunas nas quais a política era o principal assunto. Era por meio desses espaços que a FRA marcava sua posição antissoviética e travava uma batalha, sobretudo com a União Armênia de São Paulo e seus dissidentes que defendiam e divulgavam, por meio do *Verelk* e do *Ararat – a voz do povo armênio*, a prosperidade da Armênia sob a égide do comunismo. Essa postura da FRA é perceptível nas traduções de textos de lideranças do partido, como Simon Vratsian. Em seu livro *Armênia e a questão armênia*,

⁶¹ REVISTA CULTURAL BRASIL-ARMÊNIA. São Paulo, ano 1, n. 3, p. 1-11, mar. 1947.

que teve trechos traduzidos e publicados na revista, Vratsian discorre sobre o governo soviético na Armênia (o qual alijou o próprio autor da presidência do país), ressaltando que “a revolução bolchevista e a subsequente cooperação amistosa russo-turca foram de trágicos efeitos para a sorte da Armênia e da questão armênia”.⁶² Também os editores da revista escreviam textos críticos ao comunismo. Nesse sentido, é possível encontrar notícias de censura de intelectuais armênios na URSS, bem como a condenação do programa de repatriamento de armênios para a Armênia Soviética.⁶³

Os debates entre o grupo responsável pelo *Ararat* e os partidários da Federação Revolucionária Armênia envolvidos na Sociedade Artística Melodias Armênias e na *Revista Cultural Brasil-Armênia* estiveram presentes na trajetória de ambos os grupos. Em março de 1947, o *Ararat* publicou em suas páginas uma resposta a um pronunciamento feito por membros da FRA no programa radiofônico *Melodias armênias*. No texto, intitulado “Esclarecimentos à colônia armênia do Brasil”, os autores se defendiam do ataque feito pelos armênios “reacionários”, abrigados na Sociedade Artística Melodias Armênias, e acusavam a FRA de ter sido colaboradora do nazifascismo e de ter tentado dividir a coletividade armênia de São Paulo, ao supostamente boicotar as comemorações da sovietação da Armênia (ao que tudo indica, teria sido esse o estopim do conflito).⁶⁴ Alguns anos mais tarde, a rivalidade entre os dois grupos alcançava a grande imprensa. Nas páginas da revista *O Cruzeiro*, em setembro de 1949, encontra-se uma reportagem que denunciava as atividades de Jacob Bazarian e Levon Yacubian à frente do *Ararat*:

Esse jornal circula no seio da colônia armênia bandeirante, fazendo oposição tenaz a um outro periódico da mesma colônia – o *Brasil-Armênia*, publicação de um grupo de armênios nacionalistas, que sonham com uma Armênia independente e democrática nos moldes das nações livres do ocidente. Esse punhado de patriotas é malvisto e até odiado pelos comunistas armênios, entrincheirados na redação do *Ararat*.⁶⁵

⁶² REVISTA CULTURAL BRASIL-ARMÊNIA. São Paulo, ano 1, n. 7-8, p. 17-18, jul./ago. 1947.

⁶³ REVISTA CULTURAL BRASIL-ARMÊNIA. São Paulo, ano 2, n. 15, p. 5-6, mar. 1948.

⁶⁴ ARARAT. São Paulo, ano 1, n. 6, p. 3, mar. 1947.

⁶⁵ O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, ano 21, n. 47, p. 6, 10 set. 1949.

Além de assumir o discurso sustentado pela Polícia Política – que foi onde a reportagem d'O *Cruzeiro* obteve as informações e as imagens utilizadas na reportagem –, a revista ainda se mostrou simpática ao projeto da FRA, cujos partidários seriam os verdadeiros democratas e libertários da Armênia, ao contrário dos comunistas subversivos do jornal *Ararat*.

A *Revista Cultural Brasil-Armênia* circulou de forma interrupta de 1947 a 1950, ano em que teve suas atividades paralisadas até 1957, quando o projeto foi retomado (com a periodicidade seriamente comprometida), durando apenas até meados de 1958 e sendo, então, interrompido definitivamente. A suspensão da primeira fase da revista coincide com o fechamento da sede na rua Paula Souza e a mudança para uma sede provisória no Centro Armênio, junto ao prédio da Igreja Apostólica Armênia, na região entre os bairros do Bom Retiro e Luz. Em 1962, a Sama comprou um terreno de cerca de 7.000 m² nas proximidades do Parque do Ibirapuera,⁶⁶ na zona sul de São Paulo, não muito distante de entidades correlatas de sírios, libaneses e outros povos imigrantes, que seguiam para as regiões da cidade nas quais a elite paulistana estava presente.

TRIBUNA ARMÊNIA

Essa publicação foi criada no fim de 1962 pela Sociedade Brasil-Armênia (SBA),⁶⁷ entidade majoritariamente composta por estudantes universitários e recém-formados armênios que pretendiam balancear a influência crescente da Federação Revolucionária Armênia na coletividade. A FRA, que já era a agremiação política mais forte dos armênios de São Paulo, ganhou ainda mais espaço com o enfraquecimento da União Armênia de São Paulo e o fechamento do *Ararat – a voz do povo armênio* em virtude da prisão de Levon Yacubian e do exílio de Jacob Bazarian.

Em formato de jornal, inicialmente de periodicidade mensal, depois bimestral, a *Tribuna Armênia* teve como um dos seus idealizadores e primeiro diretor o bacharel em Direito Varujan Burmaian. A primeira sede da SBA e da

⁶⁶ JORNAL DO IMIGRANTE. São Paulo, ano 7, n. 83, p. 10, fev. 1985.

⁶⁷ Não confundir com a *Revista Cultural Brasil-Armênia*, publicação da Sama/FRA, grupo adversário à Sociedade Brasil-Armênia.

Tribuna Armênia funcionava no Centro Armênio, entidade suprapartidária anexa à Igreja Apostólica Armênia de São Paulo. Em edição de março de 1963, o editorial da *Tribuna* pontuava a importância de uma sede própria para a SBA e exortava os beneméritos a participarem do projeto.⁶⁸ Essa iniciativa buscava dar maior autonomia à entidade, pois permitiria que se deixasse de usar um espaço de uso comum da coletividade. Data da mesma época a promoção de um programa radiofônico pela SBA, que também pretendia concorrer com o *Melodias Armênicas*, atração musical mantida pela Federação Revolucionária Armênia.

Sobre o uso do idioma, a *Tribuna Armênia* mantinha um espaço na primeira página para textos em língua armênia. No número 9, publicado em março de 1963, saiu um artigo sobre a história da Armênia e a batalha de Vartanants, a qual permitiu que os armênios se mantivessem adeptos do cristianismo ainda que sob a ameaça persa, no ano de 451.⁶⁹ Na edição seguinte, de abril de 1963, mês que marca a comemoração do início do genocídio armênio, em 1915, o texto no idioma ancestral foi sobre a data-chave, 24 de abril.⁷⁰ O mais importante nessa edição, todavia, foi o uso da palavra “genocídio” no editorial em português. O conceito foi criado pelo jurista polonês Raphael Lemkin em sua obra *Axis rule in occupied Europe*, publicada em 1944, para designar assassinatos em massa promovidos por uma força centralizada, com a intenção de exterminar um determinado grupo-alvo.⁷¹ Com a tipificação do conceito de Lemkin em figura jurídica pela ONU, em 1948, o crime de genocídio ficou associado ao extermínio dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Ao perceberem o potencial político do conceito de genocídio, alguns grupos da Armênia Soviética e da diáspora começaram a reivindicar que os massacres perpetrados contra o seu povo durante a Primeira Guerra Mundial dentro das fronteiras do Império Otomano também haviam constituído um genocídio, tal como definido por Lemkin e tipificado pela ONU. Em geral, credita-se a difusão mundial do uso do conceito de genocídio para o caso armênio à grande mobilização popular que houve em Yerevan, capital da RSS da Armênia, em 1965, que pedia que a República da Turquia reconhecesse

⁶⁸ TRIBUNA ARMÊNIA. São Paulo, ano 1, n. 9, p. 1, mar. 1963.

⁶⁹ TRIBUNA ARMÊNIA. São Paulo, ano 1, n. 9, p. 1, mar. 1963.

⁷⁰ TRIBUNA ARMÊNIA. São Paulo, ano 1, n. 10, p. 1, abr. 1963.

⁷¹ Cf. LEMKIN, Raphael. *El dominio del eje en la Europa ocupada*. Buenos Aires: Prometeo Libros: Eduntref, 2009.

que havia cometido um genocídio contra os armênios otomanos.⁷² Contudo, o editorial da *Tribuna Armênia* de abril de 1963 demonstrou que a qualificação dos massacres de armênios como genocídio já acontecera antes das manifestações de 1965, ainda que de forma tímida. Citando o editorial: “Deste modo, o genocídio atingiu as famílias armênias, exterminando-as, ou criando órfãos e viúvas. Este é o quadro pálido dos acontecimentos de 1915”.⁷³ Esta curta passagem é a primeira referência conhecida na imprensa armênia no Brasil ao massacre de armênios enquanto genocídio.

A *Tribuna Armênia* teve vida longa. No fim de 1970, a edição número 60/61 do periódico, que estava em seu oitavo ano de circulação, deu destaque a uma “crise” na Sociedade Brasil-Armênia. Em um artigo assinado pelo Dr. Arthur Puxian há uma crítica contundente à falta de mobilização e interesse da coletividade armênia de São Paulo em participar das atividades comunitárias, o que ameaçava o funcionamento das entidades.⁷⁴ Porém, é possível encontrar ainda uma edição em novembro de 1971, o que permite inferir que o órgão da SBA se manteve ativo por no mínimo um ano após tornarem-se públicos os problemas da entidade.⁷⁵

A disponibilidade da *Tribuna Armênia* para consulta é um obstáculo para a pesquisa. Há exemplares isolados espalhados por diferentes entidades armênias de São Paulo, mas nenhuma possui a coleção completa. Os números aqui analisados são oriundos do arquivo pessoal de Stepan Hrair Chahinian, ex-integrante da SBA e colaborador da publicação. O historiador Hagop Kechichian também possui muitos números da *Tribuna Armênia*, recolhidos no âmbito da sua pesquisa de tese de doutorado, defendida em 2000,⁷⁶ e que se encontra atualmente em processo de reelaboração para uma possível publicação, o que limita

⁷² BALAKIAN, Peter. *The burning tigris: the Armenian genocide and America's response*. Nova York: Harper Perennial, 2004. p. 377-378.

⁷³ TRIBUNA ARMÊNIA. São Paulo, ano 1, n. 10, p. 1, abr. 1963.

⁷⁴ TRIBUNA ARMÊNIA. São Paulo, ano 8, n. 60/61, p. 1, nov./dez. 1970.

⁷⁵ TRIBUNA ARMÊNIA. São Paulo, ano 8, n. 66, p. 1, nov. 1971.

⁷⁶ KECHICHIAN, Hagop. *Os sobreviventes do genocídio: imigração e integração armênia no Brasil, um estudo introdutório*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

o acesso àqueles documentos do seu acervo pessoal que ele não está utilizando no momento. O historiador, inclusive, foi ele mesmo diretor-responsável por outro periódico, contemporâneo da *Tribuna Armênia*. Em junho de 1965 foi publicado o primeiro número do jornal *Haiasdan* (Armênia, no idioma armênio), por Hampartsum Kiulhtzian, cunhado de Kechichian, que por não ser brasileiro nato pediu ao irmão de sua esposa que fosse o responsável legal pela publicação. *Haiasdan* era bilíngue, sendo os textos em armênio reproduções de outras publicações. Até onde se tem conhecimento, a última edição do jornal foi a de número 18, datada de junho de 1966.⁷⁷

ARMÊNIA

A última publicação de grande circulação na coletividade armênia de São Paulo, a revista *Armênia*, foi idealizada por um pioneiro da imprensa étnica na capital paulista. Foram 16 anos de residência na URSS antes de Jacob Bazarian retornar ao Brasil. O filósofo viveu como pesquisador e professor do Instituto de Filosofia da Academia de Ciências, casou-se com uma russa e teve dois filhos no país.⁷⁸ Em março de 1964, veio ao Brasil para recolher material para pesquisas futuras. Contudo, o golpe militar que aconteceu no fim daquele mês o obrigou a voltar para Moscou.⁷⁹ Pouco tempo depois, em agosto de 1966, voltou sozinho ao Brasil, alegando problemas de saúde, após ter se “divorciado do comunismo”, conforme suas próprias palavras, em artigo publicado na revista *Armênia*⁸⁰ e no livro *Mito e realidade na União Soviética*.⁸¹

Após passar algum tempo escrevendo artigos sobre o cotidiano na URSS para revistas e jornais brasileiros, Jacob Bazarian lançou-se em um novo empreendi-

⁷⁷ KECHICHIAN, Hagop [Professor e historiador]. Entrevista concedida ao autor na residência do entrevistado, no bairro de Perdizes, São Paulo, 18 fev. 2014.

⁷⁸ BAZARIAN, Jacob. *Mito e realidade sobre a União Soviética*, p. 65.

⁷⁹ BAZARIAN, Jacob. *Por que nós, os brasileiros, somos assim?*, p. x.

⁸⁰ Esse artigo foi anexado ao seu prontuário pela Polícia Política em 1971 como prova das suas práticas comunistas, ainda que versasse sobre o rompimento do autor com tal postura política. Cf. DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. Prontuário 95.621 – Jacob Bazarian. Fundo Deops/Apesp.

⁸¹ BAZARIAN, Jacob. *Mito e realidade sobre a União Soviética*, p. 63-82.

mento jornalístico, em junho de 1967: a revista *Armênia*. Definida pelo próprio Bazarian como “imparcial”,⁸² a publicação noticiava amplamente os acontecimentos da coletividade armênia no Brasil (principalmente a de São Paulo, mas com atenção também para a do Rio de Janeiro), bem como as mais importantes notícias sobre a causa armênia e a República Socialista Soviética, embora com menos ênfase do que o *Verelk* e *Ararat*. O caráter militante que Bazarian preconizara nas publicações anteriores havia praticamente desaparecido.

A existência da revista permite-nos mensurar quão influente e conhecido Bazarian era na coletividade de São Paulo, mesmo depois de passar muitos anos distante dos seus compatriotas. Mesmo levando em consideração o fato de que seu irmão mais velho, Karnig Bazarian, era um proeminente benemérito da coletividade, membro de diversas entidades e destacado homem de negócios, parece que a nova fase de Jacob agradou aos seus pares, que contribuiram maciçamente com a revista *Armênia*, ainda que seja possível encontrar nas páginas de seu periódico constantes reclamações sobre a saúde financeira da publicação. Em uma “lista de ouro” publicada em um dos números da revista, constam 413 assinantes e anunciantes, de diversos estados do país e até mesmo do Líbano, da Turquia, da França, da Argentina, dos EUA e da Inglaterra.⁸³ É possível também encontrar nas páginas da revista notas sobre festividades da União Geral Armênia de Beneficência (Ugab),⁸⁴ bem como acerca dos eventos da Federação Revolucionária Armênia,⁸⁵ duas forças políticas importantes no seio da coletividade e tradicionalmente situadas em polos diferentes. Isso mostra o equilíbrio no qual Bazarian vivia e em que mantinha sua publicação.

Apesar da nova fase da vida de Bazarian, Fernando Mangarielo (funcionário de Bazarian na revista *Armênia* e, posteriormente, futuro proprietário da editora Alfa-Ômega, pela qual Bazarian publicaria a maior parte de seus livros) revela que a revista *Armênia* recebia um pequeno aporte financeiro da agência soviética de notícias *Novosti* (APN, na sigla em russo), para que a publicação

⁸² *Ibid.*, p. 65.

⁸³ ARMÊNIA. São Paulo, ano 1, n. 5, p. 3-4, jan./fev. 1968.

⁸⁴ ARMÊNIA. São Paulo, ano 2, n. 13, p. 8-10, nov. /dez. 1968.

⁸⁵ ARMÊNIA. São Paulo, ano 2, n. 11, p. 5-7, set. 1968.

continuasse a existir.⁸⁶ Tal afirmação de Mangarielo pode ser comprovada pela quantidade de imagens que ilustram as páginas da revista *Armênia* cujos créditos pertencem à APN, bem como por algumas matérias oriundas da agência que foram traduzidas e publicadas no periódico.⁸⁷ O editor de Bazarian afirma ainda que alguns exemplares da revista eram enviados para a embaixada da URSS no Rio de Janeiro, como contrapartida pelo aporte financeiro.⁸⁸ É provável que as revistas de Bazarian fossem enviadas para Moscou e para outras embaixadas soviéticas no mundo.

Em maio de 1969, entretanto, foi publicado o último número da revista *Armênia*, que nos meses anteriores enfrentava problemas financeiros graves, sempre explicitados pelo editor em suas páginas. Nesse número de encerramento, Bazarian publicou o debate que teve com Zaven Karakhanian sobre o “divórcio” do comunismo, sendo a primeira vez em três anos de publicação que debates políticos eram travados abertamente na revista.⁸⁹ Na mesma edição havia uma cobertura ampla da inauguração da Fundação Karnig Bazarian, instituição de ensino superior em Itapetininga, no interior de São Paulo, aberta pelos cunhados de Jacob e patrocinada por seu irmão mais velho.⁹⁰ Nessa fundação, Jacob Bazarian tornou-se professor de sociologia.⁹¹

A revista *Armênia* não foi investigada pelas autoridades da Polícia Política, tal como aconteceu com o jornal *Ararat* e, em menor medida, com o *Verelk*. A única referência a ela encontrada no Fundo Deops é um exemplar do último número anexado ao prontuário de Jacob Bazarian, como uma prova do seu afastamento do comunismo, após ele pedir um “nada consta” em 1971, a fim de regulari-

⁸⁶ MANGARIELO, Fernando [Proprietário da editora Alfa-Ômega]. Entrevista concedida ao autor na sede da editora no bairro de Pinheiros, São Paulo, em 15 maio 2012.

⁸⁷ ARMÊNIA. São Paulo, ano 2, n. 11, p. 17-18, set. 1968.

⁸⁸ MANGARIELO, Fernando [Proprietário da editora Alfa-Ômega]. Entrevista concedida ao autor na sede da editora no bairro de Pinheiros, São Paulo, em 15 maio 2012.

⁸⁹ ARMÊNIA. São Paulo, ano 3, n. 16, p. 3 e 13-15, maio/jun. 1969.

⁹⁰ *Ibid.*, p. 25.

⁹¹ BAZARIAN, Jacob. *Mito e realidade sobre a União Soviética*, p. 155.

zar a sua situação junto ao Ministério da Educação e Cultura, para lecionar na faculdade.⁹²

A publicação tinha sede na rua Santo Amaro, 361, era impressa em gráficas terceirizadas e era composta em média por 30 páginas. Escrita predominantemente em língua portuguesa, textos em armênio praticamente inexistiam nela, à exceção de cartas enviadas à redação por entidades ou leitores, sobretudo do exterior. Seguramente, a revista *Armênia* foi a publicação mais popular na coletividade armênia de São Paulo desde a inauguração da imprensa étnica com o *Verelk* em meados dos anos 1940 (ainda que a mais longeva tenha sido a *Tribuna Armênia*), e talvez por isso seja a publicação mais comumente encontrada nos arquivos de São Paulo. Alguns números podem ser consultados no Museu da Imigração de São Paulo, bem como nas bibliotecas das entidades armênias de São Paulo. Porém, como aconteceu com outras publicações aqui analisadas, o único acervo completo e disponibilizado para a presente pesquisa pertence ao historiador Hagop Kechichian.

CONCLUSÃO

O encerramento das atividades da revista *Armênia*, em 1969, e da *Tribuna Armênia*, entre 1971-72, marcaram também o declínio da imprensa armênia produzida pela coletividade organizada na cidade de São Paulo. Desde o boletim informativo *Verelk*, da União Armênia de São Paulo, iniciado em 1945, até o início dos anos 1970, os armênios paulistanos se acostumaram a ter pelo menos um impresso como difusor das notícias das entidades étnicas de São Paulo e da Armênia Soviética. Em momentos mais férteis, como o ano de 1947, os periódicos *Verelk*, *Ararat*, *Hayasdani Tsayn* e *Revista Brasil-Armênia* circularam simultaneamente, disputando o público leitor. Em outros períodos, entretanto, como a década de 1950, não havia nenhuma publicação periódica produzida por essa comunidade e destinada aos seus membros. Esse hiato pode ter sido um gatilho para a proliferação de novas publicações a partir da segunda metade dos anos 1960, quando, mesmo sob vigilância de um regime militar recém-chegado ao

⁹² DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. Prontuário 95.621 – Jacob Bazarian. Fundo Deops/Apesp.

poder, dois periódicos armênios circularam na capital paulista simultaneamente: a *Tribuna Armênia* e a revista *Armênia* (além do jornal *Haiasdan*, cuja edição foi interrompida pouco antes de a revista *Armênia* ser lançada).

Ainda que o recorte da presente pesquisa se encerre no início dos anos 1970, não se pode deixar de mencionar a existência de outros periódicos, que circularam de forma menos intensa do que os aqui analisados: *Nova Vida / Nor Gyank*, lançado em 1979 pela filial brasileira da Federação Revolucionária Armênia, em conjunto com seu movimento juvenil; o *Sipan – órgão da comunidade da Igreja Apostólica Armênia do Brasil*, iniciado em janeiro de 1983 e ainda em circulação; o *Mensagem – boletim da Paróquia Armênia Católica de São Paulo*, cujo primeiro número data do início dos anos 1990 e que circulou de forma vacilante até o fim da década de 2000; e, por fim, o *Massis – circular autônoma mensal de cultura e notícias armênias do Rio de Janeiro*, que circulou na capital fluminense entre o fim da década de 1990 e início dos anos 2000, por iniciativa de Ara Leon Nevrouz.⁹³

A carência de órgãos exclusivamente em língua armênia ou mesmo de jornais bilíngues, com um equilíbrio maior entre esse idioma e o português, não quer dizer que a fração diaspórica armênia de São Paulo estivesse isolada das suas congêneres espalhadas pelo mundo. Mesmo com periódicos quase inteiramente em português, a lista de assinantes do *Ararat – a voz do povo armênio* ou da revista *Armênia*, por exemplo, mostra que esses impressos eram enviados para armênios na América Latina, Oriente Médio e para a própria Armênia Soviética. A impossibilidade de impressão de caracteres armênios em larga escala e até mesmo a dificuldade do público leitor em ler no alfabeto ancestral foram motivos definitivos para a escassez da imprensa armênia publicada em armênio no Brasil. Nesse sentido, a opção pela língua portuguesa foi imprescindível, para que os jornais e revistas pudessem circular e ser lidos em diferentes momentos na coletividade.

Pautada pela promoção da história, da cultura e, sobretudo, da causa armênia, a imprensa armênia em São Paulo foi parte fundamental da constituição da própria coletividade e de suas instituições. Além de um processo de formação e informação dos seus membros, os impressos promoviam espaços de sociabilidade nos quais famílias eram constituídas e, em maior medida, a coletividade era mantida viva. A imprensa étnica revela-se caminho obrigatório para qualquer pes-

⁹³ MASSIS. Rio de Janeiro, ano 5, n. 45, jun. 2001.

quisador que deseje explorar os aspectos socioeconômicos da imigração armênia no Brasil e, principalmente, para aqueles que queiram apreender os debates políticos que pautaram essa coletividade e o modo como as disputas em torno da memória foram construídas por meio dos editoriais, artigos assinados e imagens publicadas nos periódicos.

Anexo – Tabela de periódicos armênios recolhidos no contexto da pesquisa⁹⁴

⁹⁴ Há publicações que não foram aqui elencadas devido à falta de periodicidade ou à ausência de acervos conhecidos.

| Periódico | Editor / responsável | Ano de lançamento | Primeiro número disponível |
|---|---|--|---------------------------------|
| Verelk | União Armênia de São Paulo (Uasp) | 1945 | N. 9/10, abr./maio 1946 |
| Ararat – a voz do povo armênio | Jacob Bazarian | 1946 | N. 1, out. 1946 |
| Hayasdani Tsayn | Yervant Mekitarian | 1947 | N. 1, jan. 1947 |
| Revista Cultural Brasil-Armênia | Sociedade Artística Melodias Armênicas (Sama) | 1947 (primeira fase) e 1957 (segunda fase) | N. 1, jan. 1947 (primeira fase) |
| Tribuna Armênia | Sociedade Brasil-Armênia (SBA) | 1962 | N. 1, jun. 1962 |
| Haiasdan | Hampartsiun Kiultzian & Hagop Kechichian | 1965 | N. 1, jun. 1965 |
| Revista Armênia | Jacob Bazarian | 1967 | N. 1, jun. 1967 |
| Nova Vida / Nor Gyank | Associação Cultural Armênia de São Paulo (Acasp) & União da Juventude Armênia (UJA) | 1979 | N. 1, 1979 |
| Sipan – órgão da comunidade da Igreja Apostólica Armênia do Brasil | Igreja Apostólica Armênia do Brasil | 1983 | N. 1, jan. 1983. |
| Massis – circular autônoma mensal de cultura e notícias armênicas do Rio de Janeiro | Ara Leon Nevrouz | Fim dos anos 1990 | Não disponível |
| Mensageiro – boletim da Paróquia Armênia Católica | Paróquia Católica Armênia São Gregório Iluminador | Início dos anos 1990 | Não disponível |

| Primeiro número disponível | Ano de encerramento | Último número disponível | Acervo de origem |
|---|--|--------------------------------------|--|
| N. 9/10, abr./maio 1946 | 1947 | N. 17, ago. 1947 | Prof. Dr. Hagop Kechichian |
| N. 1, out. 1946 | 1950 | N. 39/40, dez. 1949 / jan. 1950 | Igreja Apostólica Armênia de São Paulo |
| N. 1, jan. 1947 | 1950 | Não disponível | Família Mekitarian (acervo não disponível para consulta) |
| N. 1, jan. 1947 (primeira fase) | 1950 (primeira fase) e 1958 (segunda fase) | N. 26, sem mês, 1950 (primeira fase) | Prof. Dr. Hagop Kechichian (coleção completa) e Sama (números avulsos) |
| N. 1, jun. 1962 | 1971/1972 | N. 66, nov. 1971 | Prof. Dr. Hagop Kechichian e Stepan Hrair Chahinian |
| N. 1, jun. 1965 | 1966 | N. 18, out. 1966 | Prof. Dr. Hagop Kechichian |
| N. 1, jun. 1967 | 1969 | N. 16, maio/jun. 1969 | Prof. Dr. Hagop Kechichian, Sama e Museu da Imigração de São Paulo |
| N. 1, 1979 | Não disponível | Não disponível | Prof. Dr. Hagop Kechichian |
| N. 1, jan. 1983. | Ainda em circulação | Ainda em circulação | Igreja Apostólica Armênia do Brasil |
| Não disponível | Início dos anos 2000 | Não disponível | Não disponível |
| Mensageiro – boletim da Paróquia Armênia Católica | Fim dos anos 2000 | Não disponível | Paróquia Católica Armênia São Gregório Iluminador |